

Che Guevara: Revolucionário e Radialista

Rafael Duarte Oliveira Venancio¹

Resumo

O presente artigo busca apresentar uma faceta pouco estudada de Ernesto Che Guevara: suas atividades como radialista durante a Revolução Cubana, informando a população acerca dos fatos que ocorriam em Sierra Maestra e em toda Cuba. Acreditamos que esse artigo é uma breve luz na reflexão sobre a importância dos meios de comunicação jornalísticos – que mesmo sendo partidário, não é propagandístico – em movimentos revolucionários, ajudando na busca pela sociedade futura desejada.

Palavras-chave: *Ernesto Che Guevara (1928-1967), Revolução Cubana, Rádio, Jornalismo Revolucionário, Contra-jornalismo*

Entre os últimos escritos sobre jornalismo de Lenin – antes do seu terceiro infarto, em março de 1923 que o deixaria incapaz de escrever ou de ditar seus textos – há duas cartas sobre a importância do rádio jornalístico para a consolidação da Revolução Bolchevique: uma para Mikhail Alexandrovich Bonch-Bruyevich, inventor na área de radiodifusão, e outra para o Camarada Gorbunov, administrador do Conselho de Comissários do Povo.

Nas duas, Lenin fala da função do rádio como um jornal sem papel. Na segunda carta, de janeiro de 1921, ele afirma que com esse “jornal sem papel e sem distâncias, com os alto-falantes e receptores feitos por B. Bruyevich, poderemos conseguir *centenas* de ouvintes e toda a Rússia escutará o jornal lido em Moscou” (LENIN, 1978a: 249 – tradução minha). Só que, Lenin não conseguiu nenhum êxito em sua luta pelo “jornal sem

¹ Graduando do quarto ano do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). É autor do livro *Divulgação Metropolitana e Divulgação Científica* (Ed. Plêiade, 2007).

papel”, como indica a carta de setembro de 1922 para o camarada Dovgalevsky, comissário do povo para os correios e telégrafos, onde Lenin dá – literalmente – uma “bronca” acerca desse assunto.

E é essa “bronca” que encerra, cronologicamente, os textos de Lenin, que viria falecer em 21 de janeiro de 1924. No entanto, não seria a última ação, muito menos o último texto de um revolucionário marxista sobre rádio. Gostaríamos então, no presente artigo, lembrar o que seria o mais importante uso do meio radiofônico em um movimento de origem marxista.

Durante a Revolução Cubana, utilizando-se de um jornalismo revolucionário – que apesar de ser partidário, não era meramente propagandístico – os guerrilheiros do M-26, principalmente Ernesto Che Guevara, utilizaram o rádio para noticiarem o que Batista não gostaria que saísse na imprensa oficial, ou seja, os feitos revolucionários em Sierra Maestra e os problemas da realidade cubana sob o governo ditatorial de Fulgêncio Batista.

A formação da *Rádio Rebelde*

De quem foi a idéia da *Rádio Rebelde*, de Che ou de Fidel Castro? As referências bibliográficas divergem. Em seu grande estudo sobre rádios livres, Arlindo Machado, Caio Magri e Marcelo Mazagão escreveram que foi Che que teve a idéia de se fazer a *Rádio Rebelde*. E eles ainda fazem referência a uma forte definição de Che acerca da função do rádio. Para Che,

A importância da rádio é capital. Num momento em que todos os habitantes de uma região ou de um país ardem na febre de combater, a força da palavra aumenta essa febre e se coloca a cada um dos combatentes. Ela explica, ensina, excita, determina entre amigos e inimigos as futuras posições. Mas o rádio deve obedecer ao princípio fundamental da propaganda popular que é a verdade. Uma pequena verdade, mesmo quanto tem pouco efeito, é preferível a uma grande mentira vestida de gala (GUEVARA *apud* MACHADO, MAGRI & MAZAGÃO, 1987: 96).

Jorge Castañeda, apesar de pouco citar a *Rádio Rebelde* em sua famosa biografia de Che Guevara, também afirma que a rádio fora idéia de Che, com um porém, ela fora criada “em seu tempo livre” (CASTAÑEDA, 1997: 112). Emir Sader, por sua vez, não identifica de quem foi a idéia, mas reconhece que

quando Che partiu, dia 31 de agosto [1958], deixara atrás de si outra grande contribuição à luta dos revolucionários: a rádio Rebelde, que começou a funcionar nos territórios

ocupados por Guevara, preocupado com a tarefa de propaganda das idéias do Exército Rebelde. O aumento de potência dessa rádio possibilitava agora ser escutada em todo o país, especialmente nas duas programações noturnas (SADER, 1985: 39).

Então como surgiu o boato de que a *Radio Rebelde* fora idéia de Fidel? Não se sabe direito, mas fora, principalmente, uma história em quadrinhos que disseminou tal história. Em *Che: uma biografia*, Kim Yong-Hwe conta a história assim:

Base La Mesa

[Toc Toc]

Fidel: Entre, Che. Em breve será anunciada a greve geral nacional com apoio dos membros dos sindicatos. Essa greve será realizada em conjunto com os líderes nacionais da revolução. E para isso gostaria que você publicasse um jornal.

Che: Jornal? Aqui...?

Fidel: Você foi a pessoa que construiu a escola e o hospital neste terreno acidentado e perigoso. Preciso te mostrar uma coisa.

Che: Isso é...?

Fidel: Equipamento de rádio. Vamos divulgar nosso propósito em toda a Cuba.

[Che coloca os fones de ouvido]

Che: Prezados cidadãos cubanos. Quem está falando é o “Cubano Libre” (YONG-HWE, 2006: 141-2).

Claro que em sua tarefa de condensar uma vasta biografia, Yong-Kwe precisa fazer algumas “licenças poéticas” como, por exemplo, falar em montar um jornal e aparecer uma rádio, além de misturar as duas informações já que *Cubano Libre* é o nome do jornal impresso e a da estação de rádio é *Radio Rebelde*.

Na próxima página, a fim de ilustrar esse período, apresentamos duas imagens que retratam essa história. A primeira é o trechinho da inauguração da *Radio Rebelde* na história de Yong-Kwe. Já a segunda é uma foto real apresentando Che Guevara diante dos aparelhos de transmissão radiofônica apresentando a *Radio Rebelde*.

Mas, nossa análise não pode parar por aqui. Para entendermos a importância da *Radio Rebelde* na Revolução Cubana e no desenvolvimento posterior de rádios livres revolucionárias, precisamos analisar o contexto da imprensa cubana da época. Apenas assim, entenderemos o que significou essa voz transmitida da selva de Sierra Maestra para toda Cuba.



(apud YONG-HWE, 2006: 142).



(apud SADER, 1985: 38).

A situação da imprensa em Cuba na época da Revolução

Muito se fala da situação atual da imprensa cubana, no entanto, há um volume bem menor de trabalhos que analisam a imprensa antes da Revolução Cubana. Para esse breve retrospecto nos basearemos não em um trabalho científico, mas sim em um registro histórico, em um depoimento de quem viveu a época.

Armando Gimenez, repórter dos *Diários Associados*, além de suas reportagens para os jornais do grupo de Assis Chateaubriand, escreveu o livro, naquele mesmo ano de 1959, *Sierra Maestra: a Revolução de Fidel Castro* que fora um sucesso de venda, conseguindo alcançar uma segunda edição em seu mesmo ano de lançamento.

Entre os capítulos que formam seu depoimento, encontramos dois de extremo interesse para os Estudos em Jornalismo: o capítulo XIV, intitulado “Cuba e a imprensa”, e o capítulo XV, chamado “A Operação Verdade”. Segundo Gimenez, “páginas gloriosas eram escritas pelos revolucionários cubanos (...). Era toda uma conjuntura política e econômica que se sentia ameaçada pela revolução de Fidel Castro. Tudo isso, porém, precisava ser denegrido ou ignorado” (GIMENEZ, 1959: 177-8). Assim,

a imprensa latino-americana nada divulgava. As agências telegráficas norte-americanas, subordinadas pela tirania, escondiam tudo. O que era notícia trescalava a mentira, calúnia e injúria. Deturpavam nos seus noticiários a verdade cubana. Ocultavam os crimes bárbaros cometidos contra um povo. Fidel Castro e seus companheiros eram apresentados ora como simples aventureiros ora como agentes comunistas. Com estas últimas palavras julgavam intimidar os povos americanos que ajudaram a enganar durante anos, acenando com falsas bandeiras de pseudodemocracia, enquanto a rapina continental continuava e, infelizmente, continua. Quem ouviu falar em Ventura, o carrasco de Havana? Quem tomou conhecimento através do noticiário internacional dos jornais da grande campanha desenvolvida por Fidel Castro durante a guerra civil? Divulgavam-se, sim, os atentados que os estudantes e operários levavam a efeito contra o tirano e seus asseclas. Com tal procedimento procuravam apresentar os revolucionários cubanos como bárbaros (GIMENEZ, 1959: 178-9).

Mas o principal motivo de se realizar a *Radio Rebelde* e o jornal *Cubano Libre* era que “a verdade permanecia encoberta. Ampla divulgação, no entanto, tinham as mentiras forjadas no serviço de imprensa e rádio do Estado-Maior de Columbia. O capitão Boix Comas, o locutor Otto Meruelo e outros Goebels do regime imaginavam vitórias. Falavam em grandes baixas por parte dos guerrilheiros” (GIMENEZ, 1959 179). Então, a *Radio Rebelde* precisava fazer mais do que contra-propaganda, tinha que fazer contra-jornalismo.

Isso entra em consonância com a afirmação de Claude Collin acerca do papel do rádio em um processo revolucionário: “A rádio de um movimento de libertação tem

realmente como papel primordial elaborar contrainformação eficaz, desmontar as mentiras das rádios oficiais (sejam elas da classe no poder ou da potência imperialista) e fornecer os dados verdadeiros sobre a situação militar, denunciando os assassinatos cometidos pelas forças da repressão” (COLLIN *apud* MACHADO, MAGRI & MAZAGÃO, 1987: 97).

Dessa forma,

Em fevereiro de 1958, os guerrilheiros cubanos faziam sua primeira emissão no território liberado de Sierra Maestra. Algum tempo mais tarde, sob ordens diretas de Fidel, eles transmitem todas as tardes até o fim da guerra contra Fulgêncio Batista, a partir do quartel-general da Plata. Rádio Rebelde teve, antes de tudo, uma importância estratégica na luta revolucionária: ela foi o principal elo de ligação entre o quartel-general e as várias frentes guerrilheiras. Além disso, através dela a população cubana podia ter uma informação alternativa sobre o governo de Batista e as ações dos rebeldes. Uma voz nova se afirmava no panorama da guerra civil e a sua simples existência já rompia o silêncio de séculos de dominação da oligarquia espanhola. Os sinais de um tambor livre que podia, em algum momento, ser também a voz de cada cidadão cubano (MACHADO, MAGRI & MAZAGÃO, 1987: 97).

As idéias de Che Guevara sobre rádio

Tal como Machado, Magri e Mazagão nos apresenta, o principal gênero jornalístico utilizado pela *Radio Rebelde* em sua campanha de contra-jornalismo é apresentar e, até mesmo, apenas a transcrever o discurso do guerrilheiro. Mas por que se utilizar desse gênero e não de um outro mais tradicional como as notícias em pirâmide invertida?

Em seu livro, *Guerra de Guerrillas*, Che afirma que “em rádio se deve noticiar sobre tudo, notícias quentes, de combates, encontros de todo tipo, assassinatos pela repressão e, além disso, orientações doutrinárias, ensino prático à população civil e, de vez em quando, discursos dos chefes da Revolução” (CHE GUEVARA, 1968: 162-3 – tradução minha).

Tais discursos não são mera espetacularização ou promoção da figura dos chefes da Revolução. No Guevarismo, “o guerrilheiro, como reformador social, não só deve constituir-se em um exemplo quanto sua vida, além de que também deve orientar os problemas ideológicos com o que sabe e com o que pretende fazer em determinado momento e, além disso, com o que aprendeu no decorrer dos meses e anos” (CHE GUEVARA, 1968: 81 – tradução minha).

Para exemplificar isso melhor, utilizaremos uma notícia veiculada no *Granma* que, com certas alterações, possui um projeto editorial – e uma linha editorial conseqüentemente – similar ao do *Cubano Libre* e da *Radio Rebelde*. Citaremos aqui a

matéria jornalística acerca do pronunciamento do Ministro das Relações Exteriores, Felipe Pérez Roque, em evento preparativo – em Nova York, dia 24/09/2007 – para a XII Conferência sobre Trocas Climáticas da ONU que iria ser realizada em Bali.

Nela, Felipe Roque cumpre os três papéis do guerrilheiro, segundo Che Guevara: primeiro ele fala o que se sabe sobre o problema: “A evidência científica está clara. A constatação prática é nebulosa. Só um irresponsável poderia questioná-las. Os últimos dez anos foram os mais quentes. Diminuiu a grossura do gelo ártico. Derretem as geleiras. Sobe o nível do mar. Aumenta a força dos ciclones” (ROQUE, 2007: 3 – tradução minha).

Depois, o que pretende fazer: “Cuba espera também que se aprove um mecanismo que assegure a transferência imediata de tecnologias limpas em condições preferenciais aos países subdesenvolvidos, com máxima prioridade aos pequenos estados insulares e aos países menos desenvolvidos, que são os mais vulneráveis” (ROQUE, 2007: 3 – tradução minha).

Tudo isso sem esquecer a experiência revolucionária cubana:

O problema não se resolverá comprando sua cota dos países pobres. Tampouco convertendo os alimentos em combustíveis como propôs o presidente Bush. É uma idéia sinistra. Há de se alcançar reduções reais nas fontes de emissão. Há de se empreender uma verdadeira revolução energética orientada pelo desenvolvimento e pela eficiência. Necessita-se de muita vontade política e de coragem nessa batalha. A modesta experiência de Cuba, bem sucedida e alentadora apesar do bloqueio e das agressões que sofremos, é uma prova que sim se pode (ROQUE, 2007: 3 – tradução minha).

Infelizmente não podemos dar exemplos diretos das transmissões da *Radio Rebelde*, pois não achamos em nossa pesquisa e não acreditamos que alguém tenha gravado as transmissões. No entanto, encontramos uma notícia, intitulada “Pino del Agua”, do *Cubano Libre*, publicada em fevereiro de 1958 e escrita pelo próprio Ernesto Che Guevara.

Mesmo sendo uma notícia sobre uma batalha militar, Che também cumpre, em seu texto, os três papéis do guerrilheiro. Primeiro, fala sobre o problema: “Pino del Agua é um casario instalado no cimo da Maestra a um lado do pico Bayamesa. Estava defendido pela companhia do capitão Guerra, muito bem intrincheirada e fortificada” (CHE GUEVARA, 1975: 109).

Depois, o que se pretendia fazer: “O objetivo do ataque não era tomar a serração, mas sim estabelecer um cerco que obrigasse o exército a mandar tropas em sua ajuda”, assim quando novas tropas fossem tentar ajudar as de Guerra, haveria “forças nossas a

interceptar cada um dos caminhos que iam destes pontos [que estavam as tropas mais próximas] a Pino del Agua” (CHE GUEVARA, 1975: 109).

Tudo isso sem esquecer a experiência revolucionária – que aqui não podia ser anterior, mas era a busca futura da sociedade futura idealizada pela Revolução: “Não se realizou em Pino del Agua a totalidade do ambicioso plano concebido pelo Estado Maior do nosso exército, mas obteve-se uma vitória completa (...), demonstrando à nação inteira a força crescente da Revolução e do nosso exército revolucionário, que se prepara para descer à planície para continuar sua série de vitórias” (CHE GUEVARA, 1975: 111).

Contra-jornalismo: o jornalismo revolucionário cubano

Florestan Fernandes afirmou, interessante, que a guerrilha do Movimento 26 de Julho representava muito mais que luta armada. É a “outra face da guerrilha: o que esta logrou porque a sociedade cubana vivia um clímax revolucionário – ela parecia muito frágil, mas era imbatível, porque se tornava a herdeira e a parceira de uma guerra civil que se atrasara no tempo, mas não em seu potencial revolucionário” (FERNANDES, 2007: 126).

Nas suas aulas no 1º semestre de 1979 na PUC-SP, a conclusão era que, “na verdade, Cuba se encarnava na guerrilha e renascia por seu intermédio. Por algum tempo, a guerrilha não era apenas uma pequena formação militar; era essa nova sociedade cubana em gestação, uma antecipação concreta do que deveria ser a nova sociedade cubana” (FERNANDES, 2007: 126).

E tal espírito guerrilheiro e revolucionário existe até hoje e está vivo na formação de pautas do *Granma*. Esse periódico de oito páginas, baseado na idéia de Órgão Central formulada por Lenin, é o dirigente ideológico da Revolução e um organizador social tal como os guerrilheiros de Che Guevara.

Se para Florestan Fernandes, ““não há um repouso do guerreiro’. A política seria, sem jogo de palavras, um prolongamento da guerrilha por outros meios” (FERNANDES, 2007: 126), acreditamos que o jornalismo também é um prolongamento da visão revolucionária de mundo.

Seus “olhos” para pautas, tão revolucionários quanto os movimentos militares em Sierra Maestra, buscam o desenvolvimento e a manutenção do projeto da Revolução

Cubana. O *Granma*, quaisquer que sejam suas notícias, seja no jornalismo político ou até mesmo no científico, busca nas suas notícias a nova sociedade e o novo homem.

Interessante pensar que a herança do *Granma* vem da própria Sierra Maestra. O exercício do radiojornalismo por Ernesto Che Guevara através da *Radio Rebelde* proporcionou uma “linha editorial” que permanece por 50 anos na imprensa cubana. Che conseguiu provar que um jornalismo revolucionário – ou contra-jornalismo – não precisa ser propagandístico para ser partidário.

Se a verdade, para Che, é o princípio fundamental da propaganda popular, isso só mostra o quão perto ele estava de um exercício de jornalismo. Em uma época onde a imprensa não falava nada, um “rádio [em que] se deve noticiar sobre tudo, notícias quentes, de combates, encontros de todo tipo, assassinatos pela repressão e, além disso, orientações doutrinárias, ensino prático à população civil e, de vez em quando, discursos dos chefes da Revolução” (CHE GUEVARA, 1968: 162-3 – tradução minha), é o que se espera de jornalismo digno desse nome.

É um jornalismo que vai além de uma mera

fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens. Mas uma batalha nem por isso menos importante do ponto de vista político e social, o que justifica e explica as imensas verbas canalizadas por governos, partidos, empresários e entidades diversas para o que se convencionou chamar veículos de comunicação de massa (ROSSI 2005: 7)

É um jornalismo que, tal qual o guerrilheiro descrito por Che, é um reformador social. Che pensava, muito provavelmente, tal como Lenin, ou seja, em um jornalismo que constrói sociedades futuras, pois

o jornal não é apenas um propagandista e um agitador coletivo, mas também um organizador coletivo. Neste último sentido, pode se comparar com um andaime levantado em um edifício em construção, que marca seus contornos, facilita o contato entre os diversos grupos de trabalhadores, ajuda-os a dividir tarefas e a ver o resultado final obtido graças a um trabalho organizado (LENIN 1978b: 44 – tradução minha).

Bibliografia

AYERBE, Luis F. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

CASTAÑEDA, Jorge. *Compañero: the life and death of Che Guevara* (trad. Marina Castañeda). London: Bloomsbury, 1997.

CHE GUEVARA, Ernesto. *Guerra de Guerrillas*. Montevideo: Ediciones Provincias Unidas, 1968.

CHE GUEVARA, Ernesto. “Pino del Agua”. In: CHE GUEVARA, Ernesto. *Episódios da guerra revolucionária (II)*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1975, p. 109-111.

FERNANDES, Florestan. *Da Guerrilha ao Socialismo: A Revolução Cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

GIMENEZ, Armando. *Sierra Maestra: a Revolução de Fidel Castro*. 2ªed, São Paulo: Zumbi, 1959.

LENIN, Vladimir I. “Al administrador del Consejo de Comisarios del Pueblo”. In: LENIN, Vladimir I. *La información de clase* (trad. Marisa Cortazzo).3ª ed, Cidade do México: Siglo XXI, 1978a, p. 249-250.

LENIN, Vladimir I. “¿Por donde empezar?”. In: LENIN, Vladimir I. *La información de clase* (trad. Marisa Cortazzo).3ª ed, Cidade do México: Siglo XXI, 1978b, p. 39-46.

MACHADO, Arlindo, MAGRI, Caio & MAZAGÃO, Marcelo. *Rádios livres: a reforma agrária no ar*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ROQUE, Felipe P. “Cesen la insensibilidad, la irresponsabilidad y el engaño”. *Granma*. Havana: Comitê Central do Partido Comunista de Cuba, 25/09/2007, p.3.

ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. 10ª ed, 6ª reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SADER, Emir. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Moderna, 1985.

YONG-HWE, Kim. *Che: uma biografia* (trad. Ho Lim Song). São Paulo: Conrad, 2006.